



Nietzsche e a Mnemotécnica: do sofrimento à afirmação da vida pelo artista da dor

*Nietzsche and the Mnemotechnique: from Suffering to
Affirmation of Life by the Artist of Pain*

ADILSON FELICIO FEILER ^a

Resumo

Uma das técnicas, pensadas por Nietzsche, para ativar a consciência moral é a técnica da memória, que o filósofo denomina mnemotécnica. Ora, submeter a memória a procedimentos com capacidade de predição e controle, equivale a despi-la daquilo que é sua característica orgânica e vital que lhe confere a capacidade de, para além de todos os enquadramentos técnicos superficiais, a todo o momento superar-se mediante o alcance de pontos mais culminantes de potência. As considerações de Nietzsche em torno do problema da má consciência, assim como de sua expressão em forma de ódio e vingança é marca do ressentimento, estão ligadas aos obstáculos que se interpõem frente à ação. Pela ação, toda a carga instintiva é manifesta em forma de obra de arte pelo criador; ao contrário, se interiorizada, a carga se torna veneno degenerativo. Nietzsche atribui estes obstáculos à ação e à memória como um dos fatores preponderantes. Na Segunda Dissertação de *Para a genealogia da moral*, Nietzsche apresenta a má consciência como um fatalismo sem luta, o que repercute em resignação e doença. Pela má consciência às propensões naturais do agir é atribuído um olhar ruim, hostil à vida e difamador do mundo. Sua origem se liga a um movimento de interiorização dos instintos, o que resulta em luta contra si mesmo e degeneração fisiológica. A presente investigação considera as diversas técnicas que foram sendo desenvolvidas a fim de que não só as informações mais diversas não caíssem no esquecimento, mas a maneira como estas são lembradas no sentido de produzirem, ao invés de expansão da

^a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS. Doutor em Filosofia, e-mail: afeiler@unisinos.br

vida, encolhimento, resignação e degeneração. Estaria Nietzsche defendendo a dissolução da memória como um todo, ou redimensionando a maneira pela qual se tem vivido dela?

Palavras-chave: Nietzsche. Memória. Mnemotécnica. Esquecimento. Ressentimento.

Abstract

One of the techniques, devised by Nietzsche, to activate moral consciousness is the technique of memory, which the philosopher calls mnemotechnique. Now, subjecting memory to procedures with the ability to predict and control is equivalent to depriving it of what is its organic and vital characteristic that gives it the ability to surpass itself beyond all superficial technical frameworks at all times reaching the highest points of power. The Nietzschean considerations about the problem of bad conscience, as well as of its expression in the form of hatred and revenge, the mark of resentment, it linked to obstacle that interjected to action. By the action, all the instinctual charge is demonstrated in forma of work of art through the creator, on the contrary, if it interiorized, became degenerate poison. Nietzsche attributes between these obstacles to action the memory as the preponderant factor. On the Second Dissertation of genealogy of moral, Nietzsche shows the bad conscience as fatalism without fight, that reverberates in resignation and disease. Through the bad conscience to the natural propensities is attributed a bad look, hostile to life and slanderous of world. Its origin connects to an instincts movement of internalization that results in fight against yourself and physiological degeneration. The present investigation occupy itself to considerate the several techniques that were developed in order that not only the several information not were forgotten, but he manner these are reminded in the sense of produce, rather than expansion of life, shrinkage, resignation and degenerating. Does Nietzsche defend the memory's dissolution at all, or resize the manner by it has been lived there?

Keywords: Nietzsche. Memory. Mnemotechnique. Forgetfulness. Resentment.

I) Introdução

A culminância potencial que se alcança a cada instante pleno que se experimenta, equivale à capacidade de criar. Pelo criar se é capaz de romper com a circularidade viciosa própria daqueles que são condicionados a, em tudo, serem obrigados a conformação aos padrões sociais pré-determinados, guardados na consciência. O movimento da consciência moral consiste num repetir para não esquecer. E, neste movimento, não cria nada, apenas repete. Neste sentido, a

capacidade de esquecimento estaria ligada a uma capacidade de superação e de força. Esta é, pois, uma técnica da moral para eternizar a culpa e a sujeição dos instintos.

Nossa proposta é apresentar como a má consciência, mediante as técnicas interditas da memória vai assumindo a forma mnemotécnica. Avançamos nossa pesquisa nos perguntando como a memória da dor poderia, ao invés de conduzir à doença e à degenerescência vital, ter um papel afirmador da vida, para além de um subproduto do ressentimento. Ou seja, como um não-esquecimento, enquanto mnemotécnica ou memória da vontade, instaura uma possibilidade de desfrutar de instantes de plenitude de criação para o ser humano, implicando na dinâmica da afirmação da vida, naquilo que esta traz de mais pesado e doloroso. O nosso itinerário se dará a partir das referências de Nietzsche sobre mnemotécnica. Estas referências se depreendem, sobretudo, do aforismo II da Segunda Dissertação de *Para a genealogia da moral*, e sobre outras referências como os *Fragmentos Póstumos* e as *Cartas*.

Principiamos apresentando a mnemotécnica como dispositivo desencadeador da culpa, bem como as fontes principais que influenciaram Nietzsche para a aplicação da mnemotécnica no procedimento genealógico. As técnicas da memória visam fixar eventos afins que atuem como recordações desencadeadoras da culpa. Contudo, a culpa é tanto mais ativada na medida em que estiver associada a um evento que provoque dor e sofrimento, como veremos no desenvolvimento da reflexão. Logo, se a dor é o que devemos assumir de acordo com o projeto nietzschiano do *amor fati* então criticar as técnicas da memória pela dor que dela se depreende não seria uma traição ao seu projeto? Deter-nos-emos sobre esta questão, bem como sobre a dor vivida enquanto instante pleno no terceiro e último capítulo.

II) Mnemotécnica e ativação da culpa

Fazer memória é eternizar o sentimento de culpa, de modo que as marcas do sofrimento que dela demandam, acompanhem toda a existência. Comentando

a posição de Nietzsche a esse respeito, Vânia Dutra de Azeredo diz que a memória “[...] refere-se à necessidade de as marcas indeléveis não serem impressas na consciência sob pena de tornar a lembrança uma chaga” (AZEREDO, 2016, p. 298). Neste sentido, nos perguntamos em que medida a memória do sofrimento, de flagelos e cadeias conduz Nietzsche à leitura da consciência moral como mnemotécnica¹. A técnica de memória baseada na imposição da dor, a fim de dominar os impulsos e assim obter o convívio social. A memória é entendida como a recordação de um evento que passou? A memória é tornar o evento presente a nós, como um instante eterno? Se esta segunda hipótese é válida, só será possível no âmbito da fé, já que o primeiro se dá só no âmbito da razão. Dá a impressão de que Nietzsche entende “memória” no sentido racional, porém não consciente, como um traço indelével não consciente. Por essa razão, seria infundada a sua base na crítica da memória sob a égide da esfera da memória do sofrimento, caso contrário o exercício da memória seria uma verdadeira chaga, algo por demais insuportável, como é o caso do ressentimento, essa lembrança, essa marca indelével do peso da culpa na consciência. A memória, neste sentido, consiste em marcas indeléveis que não podem ser impressas na consciência, dando espaço ao esquecimento, mas uma faculdade de esquecer que ativa a vontade, “ — eis a utilidade do esquecimento, ativo como disse, espécie de guardião da porta [...] o esquecer é uma força, uma forma de saúde *forte*, [...] uma verdadeira memória da vontade” (NIETZSCHE, KSA, GM, II § 1, 1999, p. 292). O ato de fazer memória, entendido enquanto técnica que ajuda a afirmar a vida é aquela que demanda a ativação das capacidades volitivas. É a memória da vontade que quer que a memória se efetive, o querer mesmo que quer a memória, uma marca consciente que se tornou impulso, ou seja, uma memória demandada pelos afetos. Daqui se segue um duplo sentido de memória: como traço indelével não consciente ou como memória da vontade.

A memória pode ser entendida como uma faculdade cognitiva, como uma capacidade para estabelecer relações que permitam o raciocínio, mas também

¹ A referência mais antiga de que se tem notícia sobre mnemotécnica se depreende do poeta Simônides de Ceos em 477 a. C., por compreender que a disposição ordenada é fundamental para uma boa memória. Cf. YATES, 2013, p. 18.

como lembrança, como a recordação de eventos, pessoas e situações. Embora em algumas situações empregamos a dimensão da memória como faculdade cognitiva, o fazemos apenas para ilustrar a dimensão da técnica, da capacidade mnemônica e para diferenciar da memória como recordação, que é o foco de nossa pesquisa; como estas diversas imagens impressas na memória, como recordação do passado, podem atuar no sentido de afirmarem ou negarem a vida. É importante frisar, como já foi dito nas notas 1, que a mnemotécnica não é uma técnica de memória criada por Nietzsche. O registro mais antigo que se tem dela é datado de 477 a. C.², Nietzsche se apropria desta técnica e aplica à dimensão moral. Dentro os autores que mais trabalharam as técnicas da memória destacam-se Cícero, Tomás de Aquino e Giordano Bruno. Este último possui uma obra denominada *De imaginum, signorum & idearum compositione* (A composição de imagens, signos e ideias), obra complexa e madura da arte da memória. Nietzsche certamente conheceu tal obra, porque dá testemunho dela em uma carta escrita ao estudioso bruniano Heinrich von Stein em 22 de maio de 1884, ao receber do amigo um livro de poemas de autoria do filósofo italiano:

Estes poemas³ de Giordano Bruno são um presente pelo qual sou grato a você. Eu me permiti ser designado para eles como se eu os tivesse feito e para mim - e os 'tomado' como gotas fortificantes. Sim, se você soubesse como raramente algo mais forte vem para mim do lado de fora!⁴

² Conta a lenda que Simônides foi convidado pelo rei de Céos a fazer um poema em sua homenagem. O poeta dividiu o poema em duas partes: na primeira, louvava o rei e, na segunda, os deuses Castor e Polux. O rei ofereceu um banquete no qual Simônides leu o poema e pediu o pagamento. Como resposta, o rei lhe disse que, como o poema também estava dedicado aos deuses, ele pagaria metade e que Simônides fosse pedir a outra metade a Castor e Pólux. Pouco depois, um mensageiro aproximou-se de Simônides dizendo-lhe que dois jovens o procuravam do lado de fora do palácio. Simônides saiu para encontra-los, mas não encontrou ninguém. Enquanto estava no jardim, o palácio desabou e todos morreram. Castor e Polux, os dois jovens que fizeram Simônides sair do palácio, salvando o poeta, pagaram o poema. As famílias dos demais convidados desesperaram-se porque não conseguiam reconhecer seus mortos. Simônides, porém, lembrava dos lugares e das roupas de cada um e pôde ajudar na identificação dos mortos. Cf. YATES, 2013, p. 17-18.

³ Heinrich von Stein - *Über die Bedeutung des dichterischen elementes in der Philosophie des Giordano Bruno*.

⁴ NIETZSCHE, KGB, 1880-1884, 1981, III1, p. 507.

Percebemos o quanto Nietzsche se identifica com o texto de Bruno, a ponto de afirmar ser um texto feito para ele; algo que o marcou tão fortemente comparado ao bálsamo que o fortifica. No entanto, as influências, ainda mais fortes, de Nietzsche, para a tematização da mnemotécnica provém de Cícero e Tomás de Aquino. Sobre este último Nietzsche se pronuncia no aforismo primeiro de *Para a Genealogia da moral*:

Talvez já pudesemos adivinhar; mas é melhor o testemunho de alguém cuja autoridade na matéria não se pode subestimar: Tomás de Aquino, o grande mestre e santo. *'Beati in regno coelesti'* (Os santos no reino dos céus), diz ele, suave como um cordeiro, *'videbunt poenas damnatorum, ut beatitudo illis magis complaceat'* (Os abençoados no reino dos céus verão as penas dos danados, para que sua beatitude lhes dê maior satisfação). Ou, querendo-se ouvir o mesmo num tom mais forte, da boca de um triunfante Pai da Igreja, por exemplo, desaconselhando aos seus cristãos as volúpias cruéis dos espetáculos – mas por quê? (NIETZSCHE, KSA, GM, I § 15, 1999, p. 284)

Esta referência mordaz de Nietzsche a Tomás de Aquino é para recordar os espetáculos públicos que foram as execuções durante as cruzadas medievais comandadas pela ordem dos dominicanos, ordem esta, por ironia do destino, também Tomás de Aquino fazia parte. O poder de repreensão, segundo o filósofo alemão, se dá mediante os espetáculos públicos de tortura.

O filósofo alemão dá um passo importante na arte da tradição da memória ao deslocar-se, historicamente, da tradição greco-romana e renascentista para tocar num exercício humano de unir memória e moral. A arte da memória serve-se do elemento imagético da dor e da violência para melhor perpetuá-la na consciência. A memória cria uma estrutura mais duradoura na medida em que esta é revestida pela imagem da dor, da violência, do castigo e da tortura. Como eram os casos dos rituais públicos da inquisição na Idade Média: a fogueira que consumiu a Giordano Bruno em 17 de Fevereiro de 1600 no Campo dei Fiori, em Roma.

Numa passagem famosa do *De Oratore*, de Cícero, é invocado o personagem histórico Temístocles. Ele, ao ter-se oferecido para aprender uma arte da memória, teria recusado e preferido uma arte do esquecimento⁵. Essa é, também, a ideia que Nietzsche formula contra a mnemotécnica:

⁵ Cicerone, Marco Tullio, *De Oratore em Opere Retoriche* vol. I, p. 438 [351].

esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como creem os superficiais, mas uma força inibidora ativa. [...] Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência [...] um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo [...] Eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta (NIETZSCHE, KSA, GM, II § 1, 1999, p. 292).

O esquecimento faz parte da memória, o chamado esquecimento ativo, como parte da *ars oblivionis*. Por este esquecimento se pode desconstruir uma memória para construir outra. Portanto, é este esquecimento um meio necessário para a mnemotécnica, no qual a moral tem papel fundamental.

A moral e outras formas de subjugação utilizam a memória como meio de se obter os resultados esperados. Como Nietzsche se expressa:

O mestre vem no lugar do juiz – contra a justiça repreensiva. Em cujo lugar pode apenas o instrutivo ir. O qual a razão melhora e o costume justamente por isso – o motivo criador! Para a criança um golpe! Aqui está também o golpe de uma recordação à instrução à mágoa como agente mais forte da memória. Disso resultou a amenização de todos os maiores castigos: apenas como meio mnemotécnico (NIETZSCHE, NF – 1879, 42[61], VIII, 1999, p. 606).

A mnemotécnica consiste na arte de não esquecer, de gravar na memória eventos que marcaram a vida, como um verdadeiro golpe da memória: a memória de que as marcas vividas sejam eternizadas, precisamente naquilo que estas têm de mais pesado e doloso, “ [...] talvez nada existe de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica. Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor, fica na memória” (NIETZSCHE, KSA, GM, II Dissertação, § 03, 1999, p. 295). A técnica de memória se inicia por um evento, um fato, fato este que vem a despertar culpa e desta se depreende uma dívida que, por sua impagabilidade, desperta dor e sofrimento. A memória consiste numa verdadeira violência (*Gewalt*) contra si mesmo, mas que seguindo a interpretação de Werner Stegmaier, tal violência deve ser interpretada e vivida “[...] como poder (*Macht*)” (STEGMAIER, 2013, p. 156), como vontade de superar de tudo o que foi estabelecido como dado, verdade, fato, mediante a memória.

A memória tem, como parte de seu aparato técnico, a razão e o costume, que se impõem sobre a inocência, própria de uma criança, daqueles que vivem o instante pleno, para além daquele sentimento de mágoa que não permite lançar-se

ao encontro do destino contumaz. Pelo contrário, são movidos por um sentimento retroativo, que não permite avançar, apenas retroceder ao âmago do incapaz e indefeso e culpado. O sentimento de culpa desperta sofrimento e o sofrimento ativa a memória, portanto uma memória de dor. Em que medida a memória da dor não contribuiria para a afirmação da vida, naquilo que esta traz de mais pesado?

III) Sofrer para não esquecer, a memória da dor

Como recorda Diany Mary Falcão Alvez, a técnica de eternização da memória “[...] veio através de um processo cruel, doloroso denominado ‘mnemotécnica’” (ALVEZ, 2013, p. 17), e não veio com tranquilidade e naturalidade. Uma técnica que não permite a descarga dos instintos, mas a sua interiorização em forma de má consciência. Bernd Magnus recorda que a má consciência é uma manifestação da mesma alegria na crueldade “[...] dirigida para o interior [...] na subsequente supressão de manifestações exteriores dos instintos” (MAGNUS, 2017, p. 76). Em uma carta a Erwin Rohde Nietzsche se pronuncia sobre a mnemotécnica nestes termos:

“Meu querido amigo, justamente agora mesmo passaram-se os dias de Pentecostes sob o mais caloroso e mais agradáveis; dias que te recordem naquele tempo visitaste Naumburg no ano passado e estiveste comigo junto com aquele problema ilustre sobre a perna direita etc. sobre o mais zeloso, para soltar o mais ilustre. Assim eu tive a alegria de poder te mostrar duas coisas novas e belas: um bom livro e um amigo novo: Schopenhauer. Além disso, tu tens encontrado um leviano excelente e, neles uma memória viva de nossa Leipzig passada.” (NIETZSCHE, KGB, 1864-1869, 1975, I2, p. 285-6).

Assim como Nietzsche utiliza o termo mnemotécnica para recordar eventos de seu cotidiano passado quando de sua estada em Leipzig, eventos que trazem à memória situações alegres, o acento que o filósofo alemão dá à memória diz respeito àquelas situações de dor e sofrimento:

[...] tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da memória. Em determinado sentido, isso inclui todo o ascetismo: algumas ideias devem se tornar indeléveis, onipresentes, inesquecíveis, ‘fixos’, para que todo o sistema nervoso e intelectual seja hipnotizado por essas ideias fixas” (NIETZSCHE, KSA, GM, II Dissertação, § 03, 1999, p. 295-6).

A memória possui uma técnica de recordar a dor e a mágoa, que funciona como um golpe que atinge frontalmente aqueles agentes mais fortes. A memória com sua técnica provoca um nivelamento por baixo. Tudo passa a ser equiparado, tudo o que era grande ao ser submetido à mnemotécnica se torna baixo e incapaz de se impor contra qualquer obstáculo. A mnemotécnica, conforme Oswaldo Giacóia Júnior, não é simples memória, mas a memória da vontade que forja, demonstra a força animal:

Ser capaz de lembrança é o limiar do devir-homem e a criação da memória é uma tarefa que não se confunde com simples mnemotécnica, pois gravar algo na memória, por meio de procedimentos regrados, já a pressuporia, pelo menos os rudimentos e uma faculdade da memória a ser considerada como um dado natural, e esse modo de argumentação perfazeria um raciocínio circular. Portanto, a hominização, por meio da memória, é um paradoxo: memória e mnemotécnica constituem na origem, uma só e mesma coisa: a mnemotécnica cria a memória da vontade (GIACÓIA, 2013, p. 30).

A mnemotécnica tem na dor seu principal ingrediente a fazer com que seu empreendimento alcance êxito. A consciência, no seu sentido moral, tem a conotação de responsabilidade, de ter que responder por si. A origem do termo *Gewissen* vem do verbo alemão *gutsagen*: garantir — *gut, sagen* — dizer. Ou seja, dar garantias de que algo é bom. É isto o que justamente nos impele enquanto agentes, em tudo garantir sob responsabilidade de que algo seja bom. Contudo, essa garantia se dá a troco de uma violência contra si mesmo. Pois o que diz sim a si passa pelo interdito que separa o bem do mal. Eis, portanto, o dispositivo que dispõe a mnemotécnica: o interdito que divide o bem do mal. No entanto, para que exista esta diferenciação se faz necessário o recurso da razão. Pela razão os afetos são altamente subjugados, tudo em nome do bem. Logo, se pela razão temos como frutos tudo o que é bom, pelos afetos temos tudo o que é mau.

A memória, concebida enquanto técnica, evoca a ciência que em tudo busca, mediante os seus mecanismos de previsibilidade, enquadrar o humano em seus esquemas. Tais esquemas técnico-científicos têm a pretensão de gravar no animal-homem informações indelévels que jamais venham a ser esquecidas. O que para Nietzsche é nada senão um contrassenso, já que nada pode ser eternizado em sua inteligência que não tenha outra orientação senão aquela voltada ao instante. Tudo no homem é provisório e instantâneo, de modo que querer nele fixar uma

memória é perverter a sua disposição natural, o que equivale a provocar o desencadeamento de fatores de degenerescência. Estes fatores vêm marcados mediante a forma de passado e memória, fatores estes, em grande medida, propugnados pelo rebanho. Azeredo lembra que

[...] a degenerescência é provocada pela regularidade que se dá mediante a ação da comunidade sobre o indivíduo. Para Nietzsche é a moldagem da consciência que se efetiva. Ao seu caráter fugitivo, definido pelo esquecimento, contrapõem-se uma consistência mediante a introdução da memória (AZEREDO, 2003, p. 113).

Ora, fixar um passado naquele, cuja orientação ao esquecimento é natural, equivale a perverter a sua natureza, no sentido de interpor degeneração. Mas é importante ainda frisar que as técnicas de memorização vêm marcadas pela dor e pelo sofrimento, e por tudo aquilo que provoque dano. Assim, o passado que se quer eternizar é o passado do sofrimento, da crueldade, do peso, da negação e dos instintos promotores da vida, da má consciência: “[...] a doença que separou o homem do seu passado animal, pois o induziu a exterminar os seus verdadeiros instintos” (ALVEZ, 2013, p. 22).

O esquecimento seria justamente um alívio para todo esse peso e sofrimento, na medida em que toda a força seja tributada ao instante, não qualquer instante, mas um instante pleno, ou seja, um instante aberto ao porvir e não prisioneiro da técnica e da memória (mnemotécnica). Contudo, a dor pela dor não é a questão principal, pois é sabido que Nietzsche tributa à dor reconhecimentos elogiosos. A dor, segundo o filósofo alemão, ativa a capacidade de superação, movimento este que se encontra na base daquilo que se denomina afirmação da vida. No entanto, a dor pode ser letárgica na medida em que, instrumentalizada pela memória, conduz a uma prostração, a um movimento de incapacidade de ativação instintiva e elevação da vida, uma crueldade contra si mesmo. Cintia Vieira diz que

A crueldade apenas desvia seu caminho natural ao exterior para voltar-se para dentro, aprofunda-se cada vez mais, constituindo uma alma para o homem. Mas tal alma, ou consciência é desde o começo, má consciência, por ser fruto de uma crueldade contra si próprio (SILVA, 2006, p. 39).

Ainda sobre este aspecto, seguimos as reflexões de Alberto Marcos Onate “A ‘interiorização’ é fruto de um imenso esforço conciliador, apaziguador que arrefece e acaba por interditar a descarga dos instintos favoráveis à violência” (ONATE, 2000, p 35).

Nietzsche via nos meios ascéticos formas de domesticação da memória na medida em que se as torna inesquecíveis, como é o caso do maior acontecimento de todos os tempos: O Deus na cruz. Ao olhar para a cruz todos se curvam de maneira hipnótica diante de tão doloroso acontecimento. Portanto, além do efeito hipnótico dos meios ascéticos, estes vêm acompanhados pela dor. Uma das formas que faz parte da mnemotécnica é a ação da dureza das leis. Quanto mais duras mais facilmente vencem o esquecimento, como condição indispensável para o convívio social. O esquecimento estaria, segundo a avaliação de Nietzsche, contribuindo para com a saúde das relações principalmente do próprio homem, ao contrário do que se tem pregado pelos moralistas de todos os tempos, como é o caso da moral cristã. Se o esquecimento consiste na promoção da saúde pela devolução da vida ao invés da memória, em que medida devolver a vida saudável, ou seja, sem a memória que traz a dor consigo não equivaleria a refugiar-se num paraíso entregue à paz? Não seria o estado de paz o que impede de se dispor dos quanta de potência fundamentais para perfazer a dinâmica da afirmação da vida?

IV) Da memória ao esquecimento, a plenitude do instante

A atuação do não-esquecimento, na qualidade de interdito, impede a superação das diversas situações contingenciais, próprias do niilismo que se faz sentir. Há um sentir que se manifesta na Europa, a dificuldade de viver o instante em sua plenitude. Como recorda Scarlett Marton, o instante vivido em sua plenitude é equiparável a “[...] campos de força instáveis em permanente tensão” (MARTON, 2010, p. 60). Na medida em que é experimentado como instante pleno, tanto mais facilmente age com forças suficientes para superar o contingencial, baixo, decadente. Mediante uma postura existencial que Nietzsche

denomina *amor fati*, que “[...] é antes de mais nada a aceitação incondicional do sofrimento como parte integrante da existência” (MARTON, 2010, p. 62). Esta afirmação da existência implica, ainda, segundo Marton, “[...] afirmar a vida no que ela tem de mais alegre e exuberante, mas também de mais terrível e doloroso” (MARTON, 2000, p. 66). Assim como, segundo Olímpio Pimenta afirma, a experiência de plenitude consiste em afirmar “[...] essa vida e não outra” (PIMENTA, 2004, p. 169).

Viver o instante é experimentá-lo como esquecimento, condição fundamental para superar a consciência responsável, em grande medida, pelo apequenamento do animal homem. O que legisla, deve fazer com que se goze do lastro histórico que fixa a memória e a consciência, não havendo espaço para o pensamento. Tudo é muito meticulosamente determinado para sujeitar os instintos básicos, àqueles relativos a sua natureza animal. Com essa submissão evoca-se a razão, pois o domínio sobre os afetos marca a passagem para a memória que tem seu deleite em não esquecer, a fim de se criar um animal que pode prometer:

A genealogia da memória da vontade deve mostrar como o autêntico problema do homem, isto é, cultivar um animal que pode prometer, foi em grande parte resolvido. Uma vez afirmada a solução desse problema do homem coloca-se a pergunta: Como se faz uma memória para o animal-homem? Como genealogista, Nietzsche se coloca a tarefa de, por assim dizer, perseguir a própria proveniência do homem dos primórdios, como um ‘esquecimento corporificado’ num entendimento momentâneo. Inicialmente, portanto, tem de ser resolvida a tarefa de, por meio de uma ‘Mnemotécnica’, manter presentes nesses escravos do afeto e do desejo a cada instante um par de primitivas exigências do viver juntos em sociedade (BRUSOTTI, 1992, p. 91).

No entanto, se o não esquecer reproduz a memória que cristaliza e impede de avançar, o esquecer não estaria voltado para aquele movimento que deseja devolver o animal homem à sociedade da paz? Àquela sociedade que, em seu invólucro, não permite que nenhuma marca do sofrimento e da dor seja capaz de tirar a paz de quem nela habita? Nessa direção, como recorda Adriana Belmonte Moreira, o homem vive de maneira gregariamente pacificado: “[...] o filósofo apresenta a razão sob a perspectiva dos impulsos que se interiorizaram” (MOREIRA, 2007, p. 73). O viver em uma sociedade destas conduziria àquela mesma letargia instintiva onde a dor e o sofrimento são suas companheiras

inseparáveis. Ambas conduzem ao rebaixamento niilista: a primeira pelo seu excesso de zelo em expor seus habitantes a situações de risco e, esta última, pela imobilização sob o aparato dos mecanismos da dor. Neste sentido, o esquecimento não seria refugiar-se no âmbito da paz, e sim abrir-se ao instante, desejando que este seja pleno, o que equivale a dizer “sim”, assumir o fato por mais duro que seja, e não só, mais o desejando de tal modo que este se repita um número interminável de vezes, pois “[...] o esquecimento é uma forma de força, uma forma de saúde *forte*” (NIETZSCHE, KSA, GM, II § 1, 1999, p. 292). Bernd Magnus se pergunta qual tipo de criatura seria capaz de desejar esta repetição inalterada em sua vida. E completa: “Somente um ser sobre-humano [...] sem emenda, sem extensão” (MAGNUS, 2017, p. 23-4).

Por isso, esquecer não é o mesmo que não fazer memória, mas impedir com que as marcas desta interfira na capacidade de agir e, por essa razão, de criar, pois, caso contrário, a vida estaria seriamente comprometida. A faculdade do esquecimento atua como alívio da consciência, restituindo a frescura e a fluidez para que se possa dar respostas adequadas aos estímulos que se depreendem. O esquecimento é concebido, portanto, como uma força ativa, que faz com que as experiências passadas não penetrem na consciência. Não é perda de memória, no sentido de uma assimilação psíquica, mas anímica, ativa, que torna a vida um peso, mas que se afirma como “[...] experiência do *amor fati* [amor ao destino] na qual a pessoa ama sua vida, como todos os seus defeitos, tal como é” (MAGNUS, 2017, p. 56). O esquecimento inibe no sentido de, por um lado, tornar consciente as experiências passadas e, por outro lado, permitir com que as forças dos instintos atuem. Apenas uma coisa é importante não esquecer, a de que tudo o que se viveu retornará. Neste sentido, “[...] como uma teoria existencial, o eterno retorno é importante porque indica uma atitude desejável para com a vida. Se um indivíduo pode afirmar o eterno retorno, e considera a sua vida intrinsecamente valiosa, ela é digna de ser vivida repetidas vezes” (MAGNUS, 2017, p. 57-8). A única coisa que não se pode esquecer é que a vida se repete, ou seja, que vale a pena viver a vida não uma única vez, mas inumeráveis vezes. Diferentemente, há situações vividas nos vários ciclos que se repetem da vida que devem ser esquecidas, não no sentido de que não se vai mais lembrar estes fatos, mas de que a sua lembrança não venha

a atuar como fator que bloqueie a manifestação das forças instintuais criativas, promotoras de vida, mas um esquecimento que ative a memória da vontade, “[...] a verdadeira descarga da vontade, seu ato, todo um mundo de novas e estranhas coisas, circunstâncias, mesmo atos de vontade, pode ser resolutamente interposto, sem que assim se rompa esta longa cadeia do querer” (NIETZSCHE, KSA, GM, II § 1, 1999, p. 292). Para tanto, a afirmação é fundamental. Na medida em que a vida, com todos os seus desafios e sofrimentos, for afirmada, mais facilmente se supera o ressentimento. A este respeito Ashley Woodward diz que “[...] o eterno retorno ensina a ser forte: a afirmação da vida, incluindo seu sofrimento. Dessa maneira, é possível superar o ressentimento” (WOODWARD, 2016, p. 39). A questão não está centrada na memória pela memória, mas no ressentimento que esta demanda e seu conseqüente desejo de vingança: “ — A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas uma vingança imaginária obtêm reparação” (NIETZSCHE, KSA, GM, I § 10, 1999, p. 270). Antônio Edmilson Paschoal sublinha que o esquecimento, em Nietzsche, é uma força plástica que modela o esquecimento. Neste sentido, “[...] o que efetivamente distingue o nobre do homem do ressentimento é a capacidade que ele possui de livrar-se de tal morbidade por meio da força plástica e modeladora do esquecimento” (PASCHOAL, 2014, p. 189). Ora, o não esquecimento, a memória, a consciência, interioriza, aprisiona, falsifica os instintos e os reprime, resultando nada senão aparência, superfície e má consciência. Este aprisionamento da má consciência ao gerar um sujeito através da ação, nega a multiplicidade das forças em interação no organismo humano. Por essa razão, é preciso superar

[...] estados gerais de prazer e desprazer interpretados segundo a lógica da causalidade, num processo comandado pela imaginação que atribui, ao mesmo tempo, eficácia causal e significação moral a entidades ou seres fictícios: espíritos, deuses, vontades substanciais, consciência, sobretudo a consciência moral (Gewissen) (GIACÓIA, 2013, p. 289).

Logo, o problema não reside na memória pela memória, mas no estado de letargia degenerado por ela provocado. Por essa razão, mesmo que os eventos vividos não sejam apagados da memória, como fazer destes eventos situações não

constrangedoras, mas promotoras da vida? Na concepção nietzschiana trágica da vida, o antídoto está na arte. Ou seja, fazer desta carga de dor, inerente aos estados mnemotécnicos, estados de pura criação afirmativa da vida; pela configuração estética, a memória atua não como fator de degenerescência, mas como fator de afirmação. Os estados estéticos afirmadores da vida, por mais pesada e dolorosa que seja, são experimentados pelo artista da dor, o artista trágico. Este artista, cujo estatuto psicológico de disposição afirmativa, faz do encontro com o caos da existência o seu grande “sim”, transfigurando, pela fruição estética, o peso e a dor. Desse modo, a cada experiência marcante de dor vivida e acolhida na sua plenitude, novos pontos culminantes de potência são atingidos.

V) Considerações Finais

Mediante as análises realizadas no decorrer de nosso itinerário, verificamos o duplo papel que a dor possui como técnica voltada ao problema da má consciência. Se, por um lado, a dor é considerada uma técnica da memória para fixar um determinado evento ou situação impedindo a sua superação, por outro, a dor quanto mais for vivida naquilo que tem de mais pesado é o que possibilita superação. A dor tem na memória uma ferramenta fundamental a fim de manter a sua marca impressa de maneira indelével. Muito antes de Nietzsche, as mais diversas técnicas de memorização foram empregadas, vistas como uma verdadeira arte a fim de possibilitar a resolução de enigmas, como na Idade Média e na renascença, em sua técnica de despertar temor e violência pelas suas formas imagéticas. A leitura que o filósofo alemão faz destas diversas técnicas de memorização permite-lhe ver nelas um elo que une a memória à moral. Ou seja, mediante estas técnicas não somente se fixa na consciência uma imagem e/ou informação, mas a conecta à moral. Daquilo que se memoriza faz-se um interdito, uma norma, uma lei que impede a expressão daqueles conteúdos anímicos.

A mnemotécnica, com seu intento de impedir o esquecimento é verdadeiramente um problema, pois impede o avanço, a criação, a capacidade de

apostar no novo, já que a memória, mediante a dor, conduz ao evento traumático e o torna presente, a ponto de despertar a culpa, a grande responsável pela letargia das disposições instintuais. No entanto, a dor não é o problema, já que o próprio Nietzsche via nela um meio de superação. Contudo, a superação só pode acontecer sob a condição de se questionar a maneira pela qual se assume a dor, ou seja, como se a acolhe e se a experimenta, não com submissão passiva, mas com disposição afirmativa e, nesta, o esquecimento ocupa um papel fundamental. Ao esquecer, aquela imagem da dor, do sofrimento e da violência são extirpados da consciência permitindo a descarga da força. Não quer dizer que a dor deixa de existir, mas que, mesmo existindo, desbloqueia o caminho pelo qual é direcionada a força afirmativa da vida, bem como os estados de superabundância de amor e de riso. Estes estados constituem o apanágio fundamental do artista para a superabundância do criar. No entanto, o artista trágico não tem apenas no riso e na alegria subsídios para a sua obra de arte, mas também na dor e no sofrimento. Estes últimos ativam os quantas de força que se encontram em estado latente para se transformarem em disposição ativa e afirmativa.

A disposição psicológica que afirma que não apenas esta dor, mas afirma ainda esta em um número infindável de vezes, não como círculo vicioso, mas como momentos de dor que possibilitam o desprendimento de um quantum de força, vivido num instante pleno e culminante de vida. Com isso, o artista trágico transfigura estados de dor em estados de fruição estética. Estes estados são instantes plenos de força e de vida, que tem como máxima a afirmação do mais doloroso, não como memória, no sentido de uma técnica que paralisa e degenera, mas como expressão da arte que mobiliza a ação para a criação de estados anímicos afirmativos. Nestes estados anímicos, não está em jogo o esquecimento pelo esquecimento, já que é impossível esquecer aqueles fatos e situações vividos, mas viver de tal modo que tais experiências e situações não venham a resultar em uma memória que atue como interdito, mas como memória que desobstrua as vias pelas quais a força afirmativa da vida é canalizada. Por estas vias, o artista da dor, o artista trágico afirma a vida configurada mediante a concepção das forças, deixando de ser uma memória que constringe para se tornar uma memória que afirma.

Referências

- ALVEZ, D. M. F. Nietzsche e a demonstração do animal homem. *Revista Lampejo*, n. 4, 2013.
- AZEREDO, V. D. *Nietzsche e a dissolução da moral*. São Paulo: Editora Unijuí, 2003.
- AZEREDO, V. D. Memória (Gedachtniss). In: *Dicionário Nietzsche*. Loyola, 2016, p. 298-300.
- BRUNO, G., *Opere mnemotecniche*. Tomo I. CILIBERTO, M.; MATTEOLI, M.; STURLESE, R.; TIRINNANZI, N. (org.). Milano: Adelphi, 2004.
- BRUSOTTI, M. Selbstverkleinerung des Menschen in der Moderne. *Nietzsche-Studien*, n. 20, p. 91, 1992.
- GIACÓIA, O. J. *Nietzsche*. O humano como memória e como promessa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CICERONE, M. T., *De Oratore em Opere Retoriche vol. I*. Giuseppe Norcio. Torino: Tipografia Torinese, 1970.
- MAGNUS, B. & HIGGINS, K. *Nietzsche*. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2017.
- MARTON, S. *Extravagâncias*. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Editora Unijuí, 2000.
- MARTON, S. *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Barcarolla, 2010.
- MOREIRA, A. B. Nietzsche e o cinismo grego: elementos para a crítica à vontade de verdade. *Cadernos Nietzsche*, n. 22, USP, São Paulo, p. 65-91, 2007.
- NIETZSCHE, F. W. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Verlag de Gruyter: Berlin, 1999. 15 Bd.
- NIETZSCHE, F. W. *Nachgelassene fragmente*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Walter de Gruyter: Berlin, 1999. 15 Bd.
- NIETZSCHE, F. W. *Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1981. Bd III1 und 1975. Bd I2.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal*. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da Moral*. Uma polêmica. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.

ONATE, A. M. *O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica*. São Paulo: Editora Unijuí, 2000.

PASCHOAL, A. E. *Nietzsche e o ressentimento*. São Paulo: Humanitas, 2014.

PIMENTA, O. Nietzsche, Thomas Mann e a superação do niilismo. *Caminhos percorridos e terras incógnitas*. Unijuí: São Paulo, 2004. p. 161-171.

SILVA, C. V. Crueldade e inocência: novos valores para um novo pensamento. *Cadernos Nietzsche*, n. 22, 2006. p. 33-45.

STEGMAIER, W. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*. Petrópolis: Vozes, 2013.

YATES, F. A. *A arte da memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

WOODWARD, A. *Nietzscheanismo*. Petrópolis: Vozes, 2016.

RECEBIDO: 18/12/2019
APROVADO: 19/06/2020

RECEIVED: 12/18/2019
APPROVED: 06/19/2020